

GASTÃO:

- Fui ao Dr. Stans Murad. Fez novo eletro. Está ouvindo? Tereza?

(...)

GASTÃO:

- O novo eletro tem as mesmas alteraçõezinhas do anterior.

*(Gastão já tirou o paletó. Arranca a gravata, a camisa. Está nu da cintura para cima.)*

GASTÃO:

- E continua a dor no peito, com irradiação para o braço esquerdo. Tereza, acorda. Tereza!

GASTÃO:

- (...) O Dr. Stans Murad quer que eu faça coronariografia. Eu é que não quero. Se eu tenho que morrer, prefiro morrer sem saber que morro. Quero morrer de repente, tão de repente, no meio de uma frase, de um gesto. Você vai me chorar Tereza, hem, Tereza? *(sacode a mulher)* Tereza!

(...)

GASTÃO:

- Tereza, escuta. Uma vez, eu vi um filme italiano. Era uma história de bandido. História feroz, se nenhuma vergonha do dramalhão. E lá havia o velório genial, o velório que cada um deseja para si. O bandido estava na mesa do necrotério, e cravejado de balas. E, de repente, chega a mãe do defunto. Minha mulher, está ouvindo? Qualquer grande dor tem gritos que ninguém ouviu, jamais. Mas nenhuma mãe, em nenhum idioma, berra, uiva, como a mãe daquele morto. Era a mais siciliana das sicilianas. Ao ver o cadáver, esganiçou todos os gritos do seu espanto. Ah, Tereza, Tereza. Na minha poltrona, eu tive uma sensação de deslumbramento. E aquela mãe devoradora começou beijando o dedo grande do pé. Não beijou apenas, o que seria pouco para sua fome. Ela sorvia os dedos, um por um, como aspargos. Ah, meu Deus, aquela boca continuou beijando – a sola do pé, o calcanhar, as canelas. Nada restou que não fosse beijado. E eu sei que também vou morrer, não varado de balas. Deus que eu tenha enfarte, que é a morte da moda. Essa dor manhosa no braço esquerdo não me engana. Eu sei que é minha morte que está doendo mansamente. Eu penso no bandido. *(Gastão está no meio do palco)* Mas sei que não vou ser chorado assim, beijado assim, amado assim. *(Pausa. A mulher continua dormindo profundamente. Vem Gatão, deita-se ao lado da mulher)*

GASTÃO:

- Se não ouviste a minha morte, ouve o meu sonho. Um sonho de uma semelhança espantosa com a realidade. Sonhei que meu filho vinha me dizer – “Sou eu que escrevo as cartas anônimas, eu!” E começou a chorar como um menino. Depois, caiu aos meus pés e beijou meus sapatos. Tereza, se meu filho fizesse isso, eu estaria salvo, não morreria mais. E se morresse, seria beijado o maravilhoso defunto siciliano.